À sombra do juazeiro: o Círculo de Cultura como ferramenta para a reflexão sobre a soberania alimentar das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto

In the shadow of the juazeiro tree: the circuit of culture as a tool to reflect on the food sovereignty of the traditional communities of Fundo de Pasto

BASTOS, Flávio, A. P.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), flaviobastoss@yahoo.com.br

Tema gerador: Campesinato e Soberania Alimentar

Resumo

Os Fundos de Pasto são comunidades tradicionais que vivem no Semiárido do Estado da Bahia, Brasil. De acordo com pesquisas, documentos e relatos das lideranças, historicamente tiveram baixo acesso às políticas públicas e sofrem com os conflitos que ameaçam os seus territórios e modos de vida. O direito humano à alimentação adequada e a soberania alimentar destas comunidades estão sempre ameaçados, comprometendo, com isso, a própria condição camponesa e sua reprodução social. Este artigo busca refletir sobre o potencial do Círculo de Cultura como ferramenta para a reflexão sobre a soberania alimentar das comunidades de Fundo de Pasto. Desta forma, proponho a utilização do Círculo de Cultura como um instrumento capaz de propiciar este debate, com enorme potencial para se tornar um espaço continuado de formação intelectual e política, de crítica, de construção coletiva de conhecimentos, de planejamento e ação coletiva.

Palavras-chave: pesquisa participante; convivência com o Semiárido; comunidade camponesa; ação coletiva.

Abstract

Fundos de Pasto are traditional communities that live in the semiarid state of Bahia, Brazil. According to studies, documents and reports from leaderships, these communities have historically had little access to public policies and suffer due to conflicts that threaten their territories and way of life. The human right to proper food and the food sovereignty of these communities are always under threat, thereby compromising their peasant condition and social reproduction. This article seeks to analyze the potential of the circuit of culture as a tool to reflect on the food sovereignty of *Fundo de Pasto* communities. Then, I propose to use the circuit of culture to support this debate, with a huge potential to become a continued area for intellectual and political training, criticism, collective construction of knowledge, planning and collective action.

Keywords: participatory research; life in the semiarid region; peasant community; collective action.

Introdução

Os Fundos de Pasto são comunidades tradicionais que vivem no Semiárido baiano, reconhecidas legalmente pelo Decreto nº 15.634, de 06 de novembro de 2014 (Bahia, 2014). Sua reprodução social, econômica e cultural se deu ao longo do tempo através de uma interação de convivência com o Bioma Caatinga, ocupando seus territórios de modo que os usos dos espaços familiares e coletivos se dão de forma articulada,

integrada e interdependentes. As relações sociais e culturais são construídas através de laços de parentesco e compadrio, marcadas por fortes atitudes de solidariedade e cooperação.

Estão inseridas em um contexto de mobilização e lutas protagonizadas por diversos povos e comunidades tradicionais pelo reconhecimento de direitos, valorização dos seus modos de vida, defesa dos territórios tradicionalmente ocupados, visibilidade política e acesso às políticas públicas. Na Bahia, de acordo com a Articulação Estadual dos Fundos e Fechos de Pasto (2004, p. 3) a luta em defesa da preservação dos Fundos de Pasto, sobretudo da manutenção da posse e direito de uso da terra, remonta à década de 1970, e nos anos 1980 transformou-se em um dos elementos mais expressivos da questão fundiária no estado.

O que me motiva elaborar este artigo é o desejo de contribuir com as Comunidades de Fundo de Pasto na reflexão sobre o tema da soberania alimentar. Este é um tema central na atualidade, tendo em vista o violento avanço do capital sobre as terras e os territórios das comunidades camponesas e dos povos indígenas, principalmente, para a produção de *commodities*, mineração, implantação de usinas de energia eólica e hidrelétrica e especulação financeira. Apesar dos problemas e ameaças, estas comunidades apresentam grande potencial para a produção de alimentos saudáveis e o manejo da Caatinga em bases sustentáveis a partir do seu modo de vida tradicional e o seu "jeito de viver no sertão".

Metodologia

Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada "Refletindo a soberania alimentar das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto". A opção metodológica foi pela Pesquisa Participante, tomando como principal referência as elaborações de Carlos Rodrigues Brandão e parceiros. Buscamos com isso superar a estrutura de poder sujeito-objeto da metodologia científica convencional, onde o pesquisador é o sujeito e a comunidade o objeto da pesquisa. De acordo com Brandão e Streck (2006: p. 12), "a pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir também destes conhecimentos".

Como ferramenta de coleta de dados e construção coletiva do conhecimento utilizamos o Círculo de Cultura, instrumento criado por Paulo Freire como parte do seu método para a alfabetização de adultos (Freire, 1967). Recentemente, o Círculo de Cultura tem sido utilizado como instrumento de investigação, de coleta de dados e desenvol-

vimento da pesquisa participante. Segundo Romão, et al. (mimeo, p. 15), o Círculo de Cultura reúne pressupostos filosóficos, teóricos e metodológicos para ser adotado não apenas como um método de alfabetização de adultos, mas, acima de tudo, como um método que mobiliza os participantes do grupo a pensar sobre sua realidade dentro de uma concepção de reflexão-ação.

Foi formado um grupo de pesquisa com 12 pessoas na comunidade de Várzea Grande, Oliveira dos Brejinhos, Bahia. Assim, após as discussões sobre os objetivos e metodologia da pesquisa, foram realizados quatro Círculos de Cultura na comunidade. O último Círculo teve a participação de representantes da Articulação Estadual das Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto, onde foi refletido sobre as ameaças e conflitos que as comunidades sofrem em cada região do estado, as potencialidades dos Fundos de Pasto para a produção de alimentos saudáveis e os desafios para a conquista da soberania alimentar.

Resultados e discussão

As comunidades de Fundo de Pasto estão inseridas na dinâmica de expansão do capitalismo e de territorialização do capital no campo brasileiro. Conforme os relatos durante os quatro Círculos de Cultura realizados, sofrem as consequências deste processo a partir do avanço do agronegócio, mineração, usinas de energia eólica e grandes obras de infraestrutura sobre os seus territórios. Além disso, permanece o processo clássico de grilagem das terras por fazendeiros e empresários, que com o uso da violência física e da pistolagem invadem e expropriam os territórios das comunidades com supostos títulos de propriedade que muitas vezes são falsos ou elaborados em cartórios de forma irregular. Com todos esses problemas, ameaças e conflitos, o direito humano à alimentação adequada e a soberania alimentar destas comunidades estão sempre ameaçados, comprometendo, com isso, a própria condição camponesa e sua reprodução social.

Embora o Brasil tenha saído do Mapa Mundial da Fome da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2014 e dos consideráveis avanços das políticas econômicas e sociais implementadas a partir do governo do presidente Lula, demonstrando que o Brasil reduziu de forma muito expressiva a fome, a desnutrição e subalimentação nos últimos anos (FAO, 2014: p. 6), de forma contraditória, houve também um grande incentivo para a expansão da produção de *commodities* para exportação, fortalecendo ainda mais a hegemonia do capital e do modelo do agronegócio no campo. Em nome da modernização, do crescimento econômico e do superávit da balança comercial, o capital tem capturado as instituições do Estado brasileiro para ampliar o seu poder, riqueza e do-

mínio sobre os territórios e criminalizar as comunidades e movimentos sociais em luta por seus direitos. Este processo tem aumentando a já enorme concentração de terra e destruição dos recursos naturais, agravando os conflitos socioambientais e agrários.

A contaminação dos alimentos por agrotóxicos e transgênicos tornou-se um grave problema para a sociedade brasileira. Atualmente o Brasil é o maior consumidor mundial de agrotóxicos e tem a segunda maior área plantada no mundo com transgênicos, com estimativas de cerca de 50 milhões de hectares plantadas com sementes transgênicas para a safra 2016/2017. Ainda, segundo Stédile e Carvalho (2012, p. 716), "nunca antes na história os alimentos estiveram tão concentrados e sob o controle de uma mesma matriz de produção. Nunca antes na história tão poucas empresas oligopolizaram o mercado internacional e tiveram tanto controle sobre a produção e o comércio de produtos alimentícios como agora". Na visão de Ploeg (2008), hoje existem verdadeiros "impérios alimentares" que exercem um poder monopólico crescente sobre as relações que encadeiam a produção, o processamento, a distribuição e o consumo de alimentos, criando um novo e global regime alimentar.

De acordo com Petersen e Londres (2015), a superação desse cenário paradoxal cobra profundas transformações nos sistemas de produção, distribuição e consumo de alimentos. Movimentos sociais e redes da sociedade civil defendem que essas transformações devem ser orientadas pelo princípio político da soberania alimentar dos povos e pela Agroecologia.

Segundo a declaração do Fórum Mundial pela Soberania Alimentar (2007), a soberania alimentar é um direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica, e seu direito de decidir seu próprio sistema alimentar e produtivo. Isto coloca aqueles que produzem, distribuem e consomem alimentos no coração dos sistemas e políticas alimentares, por cima das exigências dos mercados e das empresas. Garante que os direitos de acesso e a gestão da terra, dos territórios, das águas, das sementes, do gado e a biodiversidade, estejam nas mãos daqueles de produzem os alimentos. A soberania alimentar supõe novas relações sociais livres da opressão e desigualdade entre homens e mulheres, entre povos, entre grupos étnicos, entre classes sociais e entre gerações.

Sendo assim, compreendo que a reflexão sobre a soberania alimentar dos Fundos de Pasto, articulada com os princípios e concepções da Agroecologia e da Educação do Campo, pode dar uma importante contribuição para a construção de processos educativos e para as lutas destas comunidades. Desta forma, como resultado das reflexões realizadas durante a pesquisa supracitada, proponho às Comunidades de Fundos de

Pasto a utilização do Círculo de Cultura como um instrumento capaz de propiciar este debate e com enorme potencial para se tornar um espaço continuado de formação política e intelectual, de análise crítica da realidade, de construção coletiva de conhecimentos e que possa contribuir com a organização de ações coletivas de resistência ao avanço do capital e ao processo de expropriação e grilagem de seus territórios, bem como, com a luta pelo acesso à políticas públicas.

O Círculo de Cultura foi criado por Paulo Freire na década de 1960 a partir da sua experiência como educador popular e atuação no Movimento de Cultura Popular do Recife. Segundo Freire, "coordenávamos, naquele Movimento, o "Projeto de Educação de Adultos", através do qual lançáramos duas instituições básicas de educação e de cultura popular: o "Círculo de Cultura" e o "Centro de Cultura". Na primeira, instituíramos debates de grupo, ora em busca do aclaramento de situações, ora em busca de ação mesma, decorrente do aclaramento das situações. De acordo com as teses centrais que vimos desenvolvendo, pareceu nos fundamental fazermos algumas superações, na experiência que iniciávamos. Assim, em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar de professor, com tradições fortemente "doadoras", o *Coordenador de Debates*. Em lugar de aula discursiva, o *diálogo*. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o *participante de grupo*. Em lugar dos "pontos" e de programas alienados, *programação compacta*, "reduzida" e "codificada" em unidades de aprendizado". (Freire, 1967, p. 102-103).

Freire propunha que o Círculo de Cultura deveria ser um método ativo que fosse capaz de criticizar o homem através do debate de situações desafiadoras e existenciais para os grupos. Uma educação identificada com as condições da nossa realidade, integrada ao nosso tempo e ao nosso espaço. Levando o homem a refletir sobre a sua ontológica vocação de ser sujeito. Assim, o círculo de cultura deveria ser um método ativo, dialogal, crítico e participante.

Como possibilidade de utilização do Círculo de Cultura nas comunidades, sugiro a realização de cinco Círculos, conforme segue: primeiro Círculo de Cultura: À sombra do juazeiro: o Círculo de Cultura como ferramenta para a refle*xão sobre a soberania alimentar*; segundo Círculo de Cultura: *O direito ao reconhecimento, à autodeterminação e ao território tradicionalmente ocupado como condição para a garantia da soberania alimentar*; terceiro Círculo de Cultura: *Soberania Alimentar, Segurança Alimentar e Nutricional e o Direito Humano à Alimentação Adequada*; quarto Círculo de Cultura:

Possibilidades e desafios para o acesso às políticas públicas de segurança alimentar e nutricional; quinto Círculo de Cultura: *A Educação do Campo como instrumento para fortalecer a luta das Comunidades de Fundo de Pasto por soberania alimentar*.

Cabe ressaltar que é apenas em nível de sugestão e não como uma camisa de força. O mais importante é fazer a reflexão para motivar as pessoas a organizarem ações coletivas para transformar a realidade. Sendo assim, é fundamental entender que as comunidades de Fundo de Pasto estão neste contexto de disputa política entre diferentes projetos de agricultura, de campo e de sociedade, onde o debate sobre a soberania alimentar dos povos do campo e da cidade toma a dimensão de uma bandeira de luta importante para enfrentar o debate político na sociedade e na sua relação com o Estado, e ao mesmo tempo, para garantir a sua reprodução social e modo de vida camponês enquanto comunidades tradicionais sujeitas de direitos legalmente reconhecidos.

Conclusão

A atual conjuntura política brasileira nos coloca grandes desafios, dúvidas e possibilidades no horizonte. Vivemos uma situação de ataque à democracia com o golpe de Estado em curso; retomada da agenda neoliberal de retirada de direitos da classe trabalhadora e desmonte das políticas sociais e econômicas conquistadas; liberação irrestrita da venda de terras para estrangeiros; avanço do capital sobre as terras das comunidades camponesas e indígenas; domínio das corporações multinacionais sobre os sistemas agroalimentares; enorme contaminação dos alimentos pelos agrotóxicos e transgênicos; aumento dos conflitos e do assassinato de lideranças no campo; entre outras questões que ameaçam os direitos e o modo de vida das comunidades tradicionais.

A partir desta análise da realidade e da necessidade de fortalecer os trabalhos de base para organizar a resistência e a batalha política para enfrentar estes desafios é que proponho que o Círculo de Cultura seja utilizado pelas comunidades para fazer o debate sobre a soberania alimentar, e outros temas que surgirem, e como uma importante ferramenta de participação, diálogo, crítica, formação política, construção coletiva de conhecimentos e ações coletivas.

As questões metodológicas não cabem neste artigo, mas deve ser uma preocupação das lideranças comunitárias que vão fazer a coordenação dos círculos. Assim, é fundamental que seja realizado um processo de capacitação para que as mesmas se apropriem dos seus princípios e método, para que o mesmo seja aplicado de forma correta e cumpra os seus objetivos de motivar pessoas a responder ao desafio de promover transformações sociais e políticas que contribuam com um projeto de campo e de sociedade em favor dos interesses dos camponeses, neste caso em especial, dos

interesses das Comunidades de Fundo de Pasto do Semiárido baiano. Que a chama da comunhão, da solidariedade, da unidade da classe trabalhadora e da esperança de que um novo mundo é possível ilumine estes círculos e a nossa luta.

Referências bibliográficas

ARTICULAÇÃO ESTADUAL DOS FUNDOS E FECHOS DE PASTO. *O Fundo de Pasto que queremos: Política Fundiária, Agrícola e Ambiental para os Fundos de Pasto baianos.* Senhor do Bonfim (BA): Articulação Estadual dos Fundos e Fechos de Pasto, 2004, mimeo.

BAHIA. Decreto nº 15.634 de 06 de novembro de 2014. Institui a Política Estadual para o Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, altera o Decreto nº 13.247, de 30 de agosto de 2011, e dá outras providências. *Diário Oficial*. Decretos Numerados. Ano · XCIX · Nº 21.565. Salvador, BA, 07 de novembro de 2014. Disponível em http://www.sepromi.ba.gov.br/arquivos/File/1/decretonovo.pdf, acesso em 15/07/2016.

BRANDÃO, C. R; STRECK, D. R. (orgs), *Pesquisa participante: a partilha do saber*. Aparecida - SP: Ideias & Letras, 2006.

FAO, 2014. *O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil: Um retrato multidimensional. Relatório 2014*. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Brasília, 2014.

FORO PARA LA SOBERANÍA ALIMENTARÍA. *Declaración de Nyéléni*. Nyéléni, Sélingué, Malí. 27 de febrero de 2007. https://nyeleni.org/spip.php?article291, acesso em 08/01/2017.

FREIRE, P. *Educação Como Prática da Liberdade.* Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

PETERSEN, P. e LONDRES, F. *Seminário Regional sobre Agroecologia na América Latina e Caribe*. Agriculturas • v. 12 - n. 3 • setembro 2015.

PLOEG, J. D. van der. *Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

ROMÃO, J. E., et al.. *Círculo Epistemológico: Círculo de Cultura como Metodologia de Pesquisa*. (mimeo).

STEDILE, J. P., CARVALHO, H. M. D. Soberania Alimentar. In: *Dicionário de Educação do Campo.* Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.